



CONCILIAÇÃO

“Concilia-te – depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz e o juiz te entregue ao oficial de justiça, e te encerrem na prisão.” – Jesus. (Mateus, 5:25.)

Muitas almas enobrecidas, após receberem a exortação desta passagem, sofrem intimamente por esbarrarem com a dureza do adversário de ontem, inacessível a qualquer conciliação.

A advertência do Mestre, no entanto, é fundamentalmente consoladora para a consciência individual.

Assevera a palavra do Senhor – “concilia-te”, o que equivale a dizer “faze de tua parte”.

Corrige quanto for possível, relativamente aos erros do passado, movimenta-te no sentido de revelar a boa-vontade perseverante, Insiste na bondade e na compreensão.

Se o adversário é ignorante, medita na época em que também desconhecias as obrigações primordiais e observa se não agiste com piores características; se é perverso, categoriza-o à conta de doente e dementado em vias de cura.

Faze o bem que puderes, enquanto palmilhas os mesmos caminhos, porque se for o inimigo tão implacável que te busque entregar ao juiz, de qualquer modo, terás então igualmente provas e testemunhos a apresentar. Um julgamento legítimo inclui todas as peças e somente os espíritos francamente impenetráveis ao bem, sofrerão o rigor da extrema justiça.

Trabalha, pois, quanto seja possível no capítulo da harmonização, mas se o adversário te desdenha os bons desejos, concilia-te com a própria consciência e espera confiante.

Emmanuel

Do livro: **Pão Nosso**. FEB

Psicografia: **Francisco C. Xavier**

RECONCILIAR-SE COM SEUS ADVERSÁRIOS

5. ***“Reconciliai-vos o mais cedo possível com o vosso adversário, enquanto estais em caminho com ele, para que não suceda que o vosso adversário vos entregue ao juiz, e que o juiz vos entregue ao ministro da justiça, e que sejais postos na prisão. Em verdade vos digo que não saireis de lá enquanto não houverdes pago até o último centavo.”*** (Mateus, V: 25 e 26.)

6. Há, na prática do perdão, e na do bem em geral, mais que um efeito moral, há também um efeito material. Como se sabe, a morte não nos livra dos nossos inimigos; os espíritos vingativos muitas vezes perseguem com seu ódio, além do túmulo, aqueles contra os quais conservaram o seu rancor. É por essa razão que o provérbio *“morto o animal, morto o veneno”*, é falso quando se aplica ao homem. O espírito mau espera que aquele a quem ele deseja mal esteja encerrado em seu corpo, e assim menos livre, para poder atormentá-lo com mais facilidade, atingi-lo nos seus interesses ou nas suas afeições mais queridas. É preciso ver nesse fato a causa da maioria dos casos de obsessão, principalmente daqueles que apresentam uma certa gravidade, como a subjugação e a possessão. O obsidiado e o possuído são quase sempre vítimas de uma vingança anterior, a qual, provavelmente, eles deram motivo por sua conduta. Deus assim o permite para puni-los pelo mal que eles mesmos fizeram, ou, se não o fizeram, por não terem sido indulgentes nem caridosos ao deixarem de perdoar. Do ponto de vista da sua tranquilidade futura, é imprescindível reparar, o mais cedo possível, os danos que tenham causado aos seus semelhantes, perdoar os seus inimigos, a fim de eliminar, antes de morrer, todos os motivos de desavenças, todas as causas de animosidade posterior. Por essa forma, de um inimigo enfurecido neste mundo pode-se fazer um amigo no outro, ou, pelo menos, ficar do lado do bem, e Deus não deixa aquele que perdoou ficar exposto à vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos com o nosso adversário o mais breve possível, não é tendo em vista somente acabar com as discórdias durante a existência atual, mas evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, satisfeito completamente a justiça de Deus.